



ENTREVISTA

POLÍTICAS PÚBLICAS LGBT NO MUNICÍPIO DE GUARULHOS

Karine Gasparino¹, Leticia da Silva Batista Bispo²

Entrevistada - Dra. Ana Marques³

1) Sabemos que essa divisão de políticas LGBT é nova em Guarulhos. Quais são suas expectativas e os principais objetivos?

Tenho expectativa grande de ajudar na parte educacional, profissional e na área da saúde também. Além da parte social, acredito que através de eventos você une as pessoas, coloca todos juntos, quebra preconceitos e mostra que todos são iguais.

Através de eventos, palestras, cinemas, atividades vamos unir a Sociedade Civil num todo, atividades essas bem feitas, com conteúdo e estruturadas para ter objetivos sadios e bons resultados.

Na parte educacional, já temos cerca de vinte atendimentos e somos moderadores de questões. As pessoas chegam até nós através das Escolas da Prefeitura, das UBS'S, de projetos que fazemos parte dentro da PMG, bem como através da comunicação,

publicidade que está sendo feita da nossa pasta, além das palestras que temos realizado com várias questões tanta área educacional, como saúde e profissional. Nas palestras tratamos capacitação para funcionários, a temática propriamente dita, explicando cada uma das letras LGBTTI.

Na parte educacional vamos averiguar em que ano a pessoa parou de estudar e procuraremos incentivar para voltar aos estudos, buscando ajuda tanto na iniciativa privada, no caso de faculdade, como na pública junto à rede municipal ou rede estadual, vagas para as inclusões.

Vamos ajudá-los nossos (as) assistidos (as) encontrar vagas de emprego e se organizar para que possam trabalhar e estudar.

As pessoas nos perguntam como pretendemos fazer tantas coisas sem dinheiro, por sermos uma pasta nova. Acreditamos que a vontade é a coisa principal que temos que ter para trabalhar, juntos com o carinho e amor, busca do que estamos pretendendo realizar. Vamos procurar a iniciativa privada, procurar respaldo e ajuda com os instrumentos que temos na PMG, no Estado e demais, de acordo com o perfil de cada assistido (a) e necessidades de cada um (a). Os (as) desempregados (as), por exemplo, serão encaminhados (as) ao CIET e empresas amigas da DIVERSIDADE para poderem concorrer às vagas de empregos. Preparamos na subsecretaria currículos para quem não tem ou não sabe fazer, além de encaminhá-los.

¹ Graduanda em Pedagogia pela UNG

² Graduanda em Pedagogia pela UNG

³ Diretora da Divisão LGBT da Secretaria de Direitos Difusos de Guarulhos

Na área da saúde, os (as) transexuais, os (as) transgêneras e travestis precisam na maioria deles tratamento com médico endocrinologista para manutenção e dosagem dos hormônios, também de terapia com psicólogo, e demais especialidades. Estamos juntamente com a Secretaria da Saúde criando um ambulatório especializado para um bom atendimento que facilite a vida dessas pessoas, para não terem que se deslocarem a SP e demais localidades, podendo assim se tratar em nosso município. Vamos ter médicos preparados e especializados prontos para acolher e aconselhar essa temática. Em breve vamos anunciar e publicar sobre o atendimento.

A questão do nome social, muitos (as) trans., travestis, gostariam de ter seu nome social incluído no RG, Certidão de nascimento, e demais documentos pessoais, hoje só conseguem com ordem judicial e é necessário que estejam passando pelo psicólogo e em alguns casos pelo endocrinologista. É preciso laudo, para comprovar que o (a) assistido (a) está em tratamento com essas especialidades, além de alguns outros documentos que comprovem que na sociedade civil já são reconhecidos pelo gênero que se identificam. Hoje a receita federal, permite que se inclua o nome social, juntamente com o nome de registro no CPF. Em nossa Subsecretaria orientamos e encaminhamos, tanto para a questão da ação de retificação de registro, quanto para a receita federal, para a adequação do nome.

Nossa expectativa é grande, pois, antigamente não existia um setor especializado para os assuntos LGBTTI,

centralizado, para acolher, aconselhar e encaminhar. Muitas ações aconteciam em setores diferentes. Nossa Subsecretaria de Políticas da Diversidade foi criada para centralizar essas ações e dar um amparo melhor. Iniciou agora uma grande procura, pois estamos ficando conhecidos, conseguindo abranger em nosso projeto e trabalho a questão da saúde, educação, vida profissional e social. Não será da noite para o dia as melhorias e mudanças, pois são muitas a serem enfrentadas, inclusive no que diz respeito à moradia de pessoas LGBTTI em situação de rua. Temos quatro anos de trabalho e um legado para deixar, seguimos o Plano de Governo no eixo 06(seis) e temos um planejamento estratégico de acordo com nosso projeto, objetivos e necessidades que precisamos e vamos cumprir.

2) Sabemos que o público LGBT é alvo de diversos tipos de violência nos dias de hoje. Você acredita que se fossem feitos trabalhos de conscientização abordando o tema desde a infância no período escolar esse quadro seria consideravelmente diminuído?

Acreditamos sim, só que é uma linha muito tênue que divide essa questão. Na escola você vai lidar com pais e com pessoas de todos os tipos, religiões, culturas e etc. Ainda vamos enfrentar grandes problemas, então achamos que deveria ser criado um programa, até temos isso dentro do nosso projeto, de forma muito lúdica e que é abrangente e não enfatizando somente LGBTTI. Pensamos na importância de que segue a esteira como um direito constitucional relativo à infância, que a



criança possa apreender a respeitar a todos, não só o LGBTTI, como negros, deficientes físicos, índios, imigrantes.

Quando falamos em um programa de conscientização, pensamos que tem que ser dessa forma macro, principalmente em escola e na fase da infância. Muitos pais, professores, ainda pensam que a temática de nossa pasta vai incentivar que a criança seja ou não seja LGBTTI, o que é errado, porém, é via com duas mãos, se as pessoas não conhecem o tema, não sabem o significado e não são capacitados para lidar, não temos como culpar e atribuir pesos de culpas, nós da Subsecretaria estamos dispostos a diminuir o grau de dificuldade encontrado para o tratamento dessa questão, sejam com os pais e filhos e ou professores e alunos.

Ser um LGBTTI não é escolha de ninguém.

Ninguém diz da noite para o dia “Ah, quero ser gay”, ou “Ah, vou virar transexual”. Se, nasce, LGBTTI e cada pessoa tem seu tempo de notar e identificar essa mudança dentro e fora dela.

Acreditamos sim, que devemos pensar em conjunto, que as coisas deveriam ser mudadas, mas ter um conteúdo lúdico programado de acordo com as idades. De forma séria, porém colocadas de maneira sutil para que não haja conflitos entre pais e professores com questões deturpadas, e infundadas. Os conteúdos da temática pouco a pouco deveriam ser introduzidos nas escolas, faculdades, com programas bem feitos, olhar amplo e delicadeza nas colocações, sem forçar goela abaixo por

imposição. Entendemos que seríamos felizes se pudéssemos instruir com clareza as pessoas, desde pequenas, com limites, porém de forma prática, cristalina. Certamente o quadro que temos hoje no mundo, no que diz respeito a preconceitos, homofobia, transfobia, seria muito diferente.

3) Quando acontece um ato de violência causado pela LGBTTI fobia dentro do contexto escolar e a escola se omite diante da situação quais são as consequências geradas para a sociedade?

Consequências gravíssimas porque isso pode ser abafado no momento, só que mais tarde pode virar uma bola de neve e a pessoa carrega com ela todos esses traumas. Se ela não tiver apoio em casa, quais são infelizmente as consequências? Ou ela vai se suicidar, porque é essa a estatística que nós temos muito alta, e ou será usuária de drogas, ou ainda qualquer outro tipo de consequência grave, deixar de estudar, sair de casa, se prostituir, pois não terá outra saída para sobreviver.

A pessoa que sofre qualquer tipo de preconceito, homofobia, transfobia, que não tem apoio, respaço em casa e tampouco na escola sofrerá as piores consequências.

Vale ressaltar que grande parte da LGBTTI fobia, começa em casa e na escola. Se a escola conseguir notar, sendo sensível ao tema e a problemática e se posicionar quanto às práticas da homofobia e ou transfobia, aliviaria muita coisa, e evitaria sofrimentos precoces. É muito sério a questão



dentro das escolas, pois muitas práticas são veladas, com chantagens, da mesma forma dentro de casa, também temos as práticas escancaradas, sejam quais forem a dor é uma só a EXCLUSÃO, REJEIÇÃO.

Sabemos que as crianças de hoje vivem muito mais dentro da escola da escola do que em casa, e conseguiríamos modificar muita coisa se conseguisse introduzir o assunto independente de crença, cultura e religião.

Fazer entender que ser LGBTTI é algo que nasce com as pessoas, ninguém está escolhendo ser ou não ser, que todos são iguais, que **o que não gosto para mim, não posso querer para o outro**, modificaria muito o trato da temática, e basta querer criar planos para se adequar tudo isso. Nosso projeto vem com esse enfoque, através de palestras e eventos sociais, vamos levar conscientização para a sociedade civil no geral.

Acreditamos no diálogo e que se conseguirmos atender de forma humanizada as pessoas LGBTTI, além de fazermos reuniões, palestras, eventos sociais, reunindo por setores e ou em conjunto a sociedade civil, explanando a temática de forma concisa, consciente e clara, com exemplos e modelos práticos, verdadeiros, vamos amenizar a homofobia e a transfobia, dentro de casa e na escola. É muito grave deixar passar “in albis” violências dentro de casa e na escola, sejam verbais, morais e ou físicas.

4) Qual a importância da questão LGBTTI estarem presentes na formação de educadores?

Achamos muito importante na formação dos professores. A sementinha para amenizar essas questões que provocam sofrimento de tanto ódio que as pessoas têm em relação ao público LGBT, está dentro da escola, mas não é só na escola, a questão familiar é muito importante. Estamos falando em trazer conteúdo programático para alunos, fazer workshops para professores. Na prefeitura há grupos que realizam alguns trabalhos, “Guarulhos cidade que protege” e “Programa de saúde na escola”, são grupos que realizam atividades de forma intersectorial com a saúde, a educação e hoje fazemos parte deles também. A capacitação para todos os setores de trabalho, seja na iniciativa pública ou privada é de suma importância, pois qualifica pessoas, ajuda ao entendimento evitando segregações.

Nós levamos palestras de todos os assuntos, inclusive do nosso assunto LGBTTI. Passamos e explicamos o preconceito e a parte técnica, no final da palestra todo mundo fica transformado com a questão, pois passa a enxergar por outros olhos, entendendo que todos são iguais, e que ser ou não LGBTTI não desqualifica ninguém. Percebemos nesses meses de trabalho, com algumas palestras feitas, para aproximadas 600 (seiscentas) pessoas, da PMG e da iniciativa privada, que estamos conseguindo levar bons exemplos de humanização, inclusive, do meu lado pessoal que um caso na família, e quando exponho de forma concreta as pessoas sobre a questão pontuando o histórico e enfrentamento, todos ficam sensibilizados e diferentes de como chegaram para assistir a palestra, é notório.



Temos que ajudar as pessoas que têm bloqueios e preconceitos enraizados por meio do diálogo, explicações, e o que pudermos colocar de positivo. É extremamente importante que tanto os professores, quanto pais, familiares, vizinhos e amigos tenham acesso à temática. Um trabalho com toda a comunidade é indispensável para que mudanças positivas aconteçam.

5) O que você pretende implantar na rede municipal de educação a esse respeito?

Na rede municipal de educação estamos implantando e fazendo o atendimento aos assistidos (as) em forma de moderação, acolhimento através de entrevista ampla como uma “anamenese”, em nossa Subsecretaria, encaminhando de forma direcionada as pessoas para serem incluídas de acordo com cada necessidade, nas áreas relativas. Temos realizado palestras, foram feitas para mais de 420 (quatrocentos e vinte) funcionários, principalmente no âmbito da educação e saúde, promovendo conscientização, explicação do que é cada “letrinha” LGBTTI, dando formação para profissionais de capacitação para bom atendimento a todas as pessoas, evitando tratamentos com deboches, gozações, menosprezos, grosserias, exclusões, e demais que são comuns de

encontrarmos quando se trata de uma pessoa que seja LGBTTI.

Além de levarmos à questão de forma mais humanizada a sociedade civil como um todo, da mesma forma para as áreas da educação e saúde, apresentamos a parte técnica capacitando os profissionais, para que consigam lidar de forma igual para com todos, facilitando a abordagem do tema, entre diretores, professores, pais, alunos, e demais, apresentamos e moderamos o tema. Exemplo disso é o caso que atendemos recente em nossa Subsecretaria de uma médica que ao atender uma travesti, se negou a chamá-la pelo nome social, insultando a que não a reconhecia como mulher, o que é uma falta de capacitação, um descuido que ninguém pode fazer, muito mais profissional como ela, atitude inadmissível. Estamos fazendo moderação nos atendimentos à escola quando somos solicitados, levando as palestras esclarecimentos aos pais, encaminhando seus filhos para psicólogos, dando aconselhamentos de forma sutil, com os avais e solicitações dos diretores e professores das escolas. Pretendemos se der tempo nesses quatro anos, levar nosso trabalho além das escolas e UBS's da rede pública municipal, para as escolas e redes de saúde estadual e privada.

Ana Marques.

Subsecretária de Políticas da Diversidade.

Advogada formada em 1995 – atuante de 1995 a 2016.

Professora Especializada em Pré Escola formada em 1985 – atuante de 1985 a 1995.

Eu, _____ autorizo a
divulgação dessa entrevista na Revista Educação UNG (impresso e online).

Guarulhos, _____
